

| 892 | ENTRE MINÉRIOS E RIOS:  
NOTAS SOBRE URBANIZAÇÃO, MIGRAÇÃO E CONSUMO NO  
SUDESTE DO PARÁ

*Carla Craice, Marcos Felipe Sudré Souza*

**Resumo**

O trabalho procura compreender a dinâmica cultural na fronteira urbana amazônica contemporânea, palco de batalhas e conflitos promovidos pelo capital em expansão, mas também por disputas simbólicas que perpassam toda a vida cotidiana. Tal proposta se define a partir da relação entre migração e consumo, ou seja, a circulação de pessoas e bens na região estudada, abordagem que visa apreender a articulação entre a população imigrante e as práticas culturais locais. No recorte espacial adotado – sete municípios do Sudeste paraense – observa-se que os fluxos migratórios majoritários (maranhenses, mineiros e goianos) são responsáveis pela conformação de uma identidade própria, que se constrói em consonância com os lugares de origem e, muitas das vezes, em oposição às outras margens da fronteira. O aspecto ganha relevância quando se observa a porcentagem de moradores que não são nascidos na região pesquisada, cerca de 60% da população, valor que varia por município. Sujeitos com propósitos e expectativas diversas e, em geral, atraídos pelos grandes projetos, sobretudo de mineração, implantados na região nas últimas décadas, os imigrantes constituem importante componente na formação cultural. Assim, o trabalho se utiliza de dados censitários para dimensionar a migração e pesquisa de campo para observar como a dinâmica cultural se realiza nesse espaço. Observa-se que ela se distancia de um ideal tido como típico paraense para se formar e se apresentar com outros traços, muito mais relacionados com o lugar de origem desses imigrantes. Com isso, demonstra particularidades da cultura viva na região, a cultura do Sudeste Paraense.

**Palavras-chave:** Migração . Consumo . Urbanização . Cultura . Sudeste paraense

**A constituição da fronteira: um começo de conversa**

Região estratégica pela riqueza em recursos naturais e potencialidades de exploração econômica, a Amazônia tem o processo de desenvolvimento de suas cidades apresentado em duas fases históricas distintas, sendo os anos 1960 o divisor. Até esse período, as cidades nasciam e se articulavam preponderantemente a partir dos rios, eram as águas que determinavam os fluxos de trocas e comunicações diversas. Em meados da década de 60, a descoberta de jazidas de minério no subsolo e os grandes projetos estimulados pelo Estado deram à região um novo modelo de organização espacial: as estradas e rodovias que passaram a cortar parte da Amazônia definindo a rede de cidades, nucleações, povoados e tantas outras realidades urbanas ali presentes (Souza, 2000).

Desse modo, entre os anos 1960 e 80 a adoção de um conjunto de medidas estatais proporcionou o desenvolvimento da chamada fronteira urbana, sobretudo, a partir

do incentivo à migração e a novos empreendimentos. Nesse momento, ocorreu o fortalecimento de redes de articulação em nível sub-regional com centros capazes de envolver diferentes escalas, do local ao internacional. As estratégias para a região passaram a se adequar à nova etapa de industrialização do País e, conseqüentemente, os projetos implantados permitiram o crescimento da malha de ocupação programada para o território pelas intervenções do Estado (Becker, 1990; 1999).

Esse agitado ciclo da urbanização amazônica, ocorrido principalmente no Sudeste do estado do Pará, fez com que a região se modificasse significativamente, industrializando-se a partir dos grandes projetos voltados para a exploração dos recursos naturais abundantes e múltiplos. O abrupto fluxo de pessoas em direção à região levou ainda à valorização dos centros localizados às margens das rodovias, retração de núcleos antigos por conta da nova dinâmica de circulação e crescimento de pequenos núcleos urbanos graças à mobilidade garantida pelo trabalho (Pereira, 2006). Os grandes projetos atraíram atores diversos, como empresas de diferentes portes, trabalhadores qualificados ou não, aventureiros e “sonhadores” envolvidos pelas promessas do “novo mundo”.

Trabalhos mais recentes indicam que a urbanização prossegue ancorada à intensificação da dinâmica já descrita, com a fomentação dos centros sub-regionais. Como observa Pereira (2006), as maiores taxas de crescimento populacional aconteceram nas pequenas e médias cidades, ocorrendo também uma multiplicação de novos núcleos urbanos. Essa proliferação de pequenos núcleos – dispersos e fora da órbita metropolitana – acaba por fortalecer ainda as “cidades médias”, que passam a assumir o papel de centros regionais.

Aliado a isso, a fronteira ainda é alvo de uma nova rodada de investimentos no setor de mineração. Os recursos aplicados pela Vale (nome atual da Companhia Vale do Rio Doce) no Projeto Ferro Carajás S11D e a reabertura da Serra Pelada – parceria entre os garimpeiros organizados em cooperativa e uma empresa canadense, com previsão de início das atividades em 2013 – são apenas alguns dos exemplos da dinâmica contemporânea da fronteira. Realidade essa já deflagrada por Becker (1998): se por um lado, a fronteira – com sua variedade de agentes e propósitos – é frente econômica de ação do capital, lugar de possibilidades e expansão; por outro, é espaço de (des)encontros, palco de batalhas e conflitos derivados dos diferentes modos de vida.

Assim, o objetivo deste trabalho é compreender parte dessa dinâmica contemporânea na fronteira amazônica, tendo como objeto de estudo a dimensão cultural da região. A análise será realizada a partir de dois fatores que se interpenetram e definem de

modo determinante a cultura local: o consumo e a migração, ou seja, a circulação de mercadorias e pessoas.

Como recorte espacial, foram selecionados sete municípios situados no Sudeste do Pará: Parauapebas, Canaã dos Carajás, Ourilândia do Norte, Tucumã, Xinguara, São Félix do Xingu e Marabá, sendo esta a cidade média entre eles. A delimitação corresponde àquela proposta pelo projeto UrbisAmazônia<sup>1</sup>, área denominada como Urbis-1, justificada pela dinâmica regional entre seus municípios, com a frente de expansão da fronteira agrícola e o polo de mineração – este último fundamentalmente nos dias atuais nas cidades de Marabá, Canaã dos Carajás e Parauapebas.

A fim de traçar o panorama dessa intensa migração serão discutidos os dados do Censo 2001 e 2010, que apontam mudanças demográficas expressivas vivenciadas na região. Além de bibliografia sobre a urbanização na Amazônia, com foco nos grandes projetos implantados nas últimas décadas. A partir disso, são identificados os fluxos majoritários de imigrantes – um dos principais atores do desenvolvimento da fronteira. Também são responsáveis pela construção da cultura material desse espaço, bem como da dimensão simbólica que se dissemina na região e se afasta do imaginário relacionado à cultura paraense – música, culinária, dança, entre outros – aproximando-se dos seus lugares de origem.

Sabe-se que os migrantes são, em sua maioria, recém-chegados à região e que ali se estabeleceram atraídos pelos diversos projetos de extração mineral presentes na área de estudo sob a responsabilidade de grandes empresas do setor<sup>2</sup>. Mas para buscar apreender com mais rigor quem são esses migrantes e como eles se inserem na formação da região, serão discutidas aqui suas práticas culturais, por meio de suas festas, atividades a que se dedicam profissionalmente, formas de sociabilidade e suas expectativas. Esse esforço é fruto da missão de campo realizada em Julho e Agosto de 2012 no âmbito do projeto UrbisAmazônia, que possibilitou o reconhecimento visual das cidades, expressos através de material fotográfico e anotações, entrevistas com atores representativos de diferentes grupos e com a população que ali vive, coleta e análise de material diverso, como documentos, revistas e jornais locais. Todo esse conjunto de informações fomenta o debate proposto e

---

<sup>1</sup> O projeto é realizado com parceria de dez instituições, entre elas Nepo/Unicamp e Cedeplar/UFGM, as quais os autores do artigo se situam, além do NAEA/UFPA, INPE, entre outras. O objetivo geral é investigar acerca da natureza do urbano na Amazônia contemporânea. Este artigo é devedor profundo das contribuições realizadas pelos demais membros da equipe de campo, a quem os autores agradecem pelos incentivos, reflexões e questionamentos.

<sup>2</sup> A principal empresa atuante é a Vale, mas também apresentam operações a Anglo American em São Félix, a Xtrata em Xinguara e Mineração Caraíba em Tucumã.

auxilia na elucidação do papel que esses imigrantes têm desempenhado na constituição cultural da região.

### **De Marabá a São Félix: Caracterização da área de estudo**

Localizados no Sudeste do estado do Pará, os sete municípios selecionados apresentam, de certo modo, algumas semelhanças que não se limitam à proximidade geográfica. Além de serem alvo de investimentos de grandes empresas mineradoras, eles foram constituídos, em grande parte, como municípios nas últimas décadas do século passado, fazendo parte das cidades que surgiram com as estradas e a partir delas se desenvolveram – fator de grande influência sobre diversos aspectos, da economia à cultura local.

Contudo, algumas distâncias – geográficas, culturais e de tantos outros tipos – não podem ser apagadas. É notável que Marabá – maior cidade da região – tem influência limitada sobre alguns dos municípios estudados. Isso não ocorre somente em Tucumã, Ourilândia e São Félix do Xingu, todas as cidades localizadas às margens da PA 279 e pouco polarizadas por Marabá, entre outros aspectos, por conta das longas distâncias: entre São Félix e Marabá são quase 500 km, boa parte percorrida em estradas de terra. Embora Xinguara e Marabá sejam ligadas em pouco mais de 240km, a articulação entre as duas cidades também é relativamente pequena. Dentre os municípios estudados, essa situação só é diferente em Parauapebas e Canaã dos Carajás, onde há relações mais estreitas com a maior cidade do Sudeste do Pará.

## Municípios do Pará e municípios da área Urbis-1

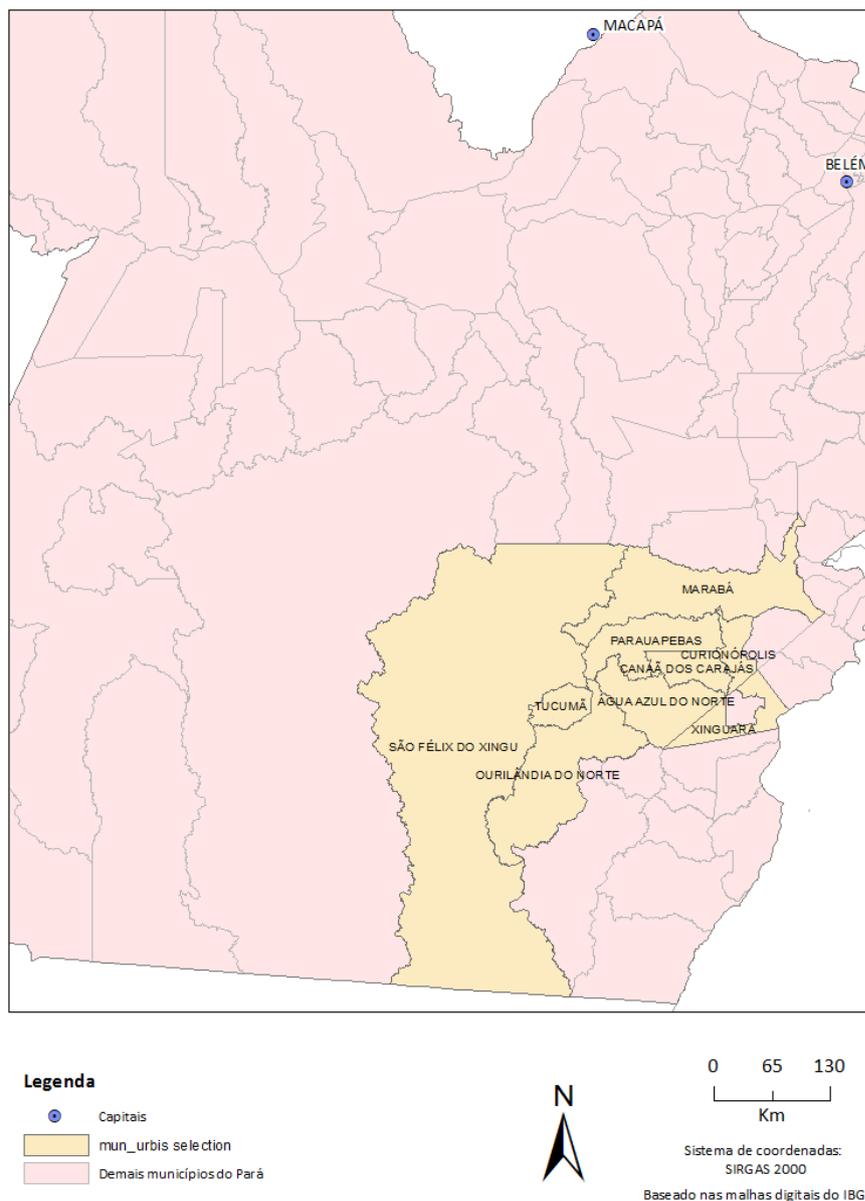


Figura 1 – Estado do Pará com destaque para municípios da Urbis-1  
Fonte: Malhas IBGE, elaboração própria

Isso não impede, no entanto, que a cidade de Marabá se apresente como importante centro de distribuição de bens e serviços. Constitui-se como vetor de crescimento econômico e demográfico para a região, apresentando características como concentração de serviços de alta complexidade, retenção de parte de migração e recebimento de fluxo de migrantes que se conduz para outros municípios no seu entorno. Como as outras cidades médias presentes na Amazônia, ela faz a intermediação entre localidades menores e centros regionais como Belém, a capital do Estado (Pereira, 2006).

Em Marabá, o núcleo original remete ao século XIX, construído na confluência dos rios Tocantins e Itacaiúnas. Tornou-se município em 1914 pela sua importância na rota de comércio existente pelos rios que por ali passam. Entretanto, sua importância aumentou de fato com a construção das estradas Transamazônica, eixo Leste-Oeste do estado, e a atual BR-155, eixo Norte-Sul. A chegada das rodovias, das áreas de garimpo e das grandes mineradoras trouxe nova dinâmica para a região, a princípio pela maior acessibilidade, mas também pela capacidade polarizadora dos grandes projetos (Cardoso e Lima, 2006). Assim, seu papel de centro regional não se resume ao seu tamanho – que segundo o Censo de 2010 conta com 233.669 habitantes –, mas também por ser propulsora da dinâmica social desse espaço.

São Félix do Xingu, atualmente com cerca de 90 mil habitantes (IBGE, 2010), também tem sua fundação em tempos mais remotos, sendo um município mais tradicional. A cidade surge na confluência dos rios Xingu e Fresco na mesma época de Marabá, mas sua localidade atual teria sido fundada em 1914. Sua importância esteve relacionada à capacidade de circulação dos seus rios, que possibilitavam a troca e exportação da exploração da floresta. Entretanto, com a perda da relevância hidroviária para a circulação, o município não se destacou como Marabá.

Já as demais cidades pesquisadas foram criadas após a construção das rodovias e a implementação dos grandes projetos governamentais destinados à região. Durante a década de 1980, os municípios de Parauapebas e Curionópolis se desmembraram de Marabá; Ourilândia do Norte e Tucumã emanciparam-se de São Félix; e Xinguara de Conceição do Araguaia. Na década seguinte, Canaã e Água Azul do Norte foram desmembrados de Parauapebas.

A profunda transformação no território tem origem na demanda desenvolvimentista estatal, pois aí se expande intensamente o eixo do setor tecnointindustrial, que visa à abertura de mercado. No Sudeste paraense, sua ação decorre especificamente com a implantação de grandes projetos minerais e do eixo agropecuário, aliados em grande medida ao capital privado e vislumbrado principalmente pela privatização da Vale (Becker, 1999). A exploração mineral representa elevado potencial econômico para a região. Contudo, os grandes projetos se desenvolvem em formato de enclaves, sem beneficiamento local, mas atraindo fluxos migratórios, o que ocasiona o crescimento desordenado das cidades, com infraestrutura precária para receber os que ali buscam melhores condições de vida.

Os efeitos demográficos das atividades minerais foram agudos. O exemplo mais claro aconteceu na Serra Pelada, situada no município de Curionópolis, próximo à divisa

com Marabá. Na década de 1980, o início da exploração do ouro exerceu um forte poder de atração populacional, desencadeando processos demográficos em grande velocidade que ocasionaram transformações permanentes e profundas na estrutura da população, tanto na sua composição etária e sexo como na redistribuição populacional (Corrêa e Carmo, 2011). Com o fim da exploração mineral, aconteceu a expulsão daqueles que chegaram, principalmente nas áreas onde não se estabeleceram alternativas de desenvolvimento econômico. Com o esgotamento das jazidas, grande parte seguiu para novos destinos, acarretando um pico de ocupação e um momento posterior de esvaziamento.

A região do Urbis-1 apresenta taxas de crescimento elevadas entre 2000 e 2010, de 4,81%<sup>3</sup> ao ano. Esse valor é consideravelmente mais elevado que a taxa referente a toda população brasileira, de 1,17% a. a., ou a do próprio estado do Pará, com 2,04% anual. Alguns municípios específicos exibem valores consideravelmente mais elevados, como Canaã e Parauapebas, com taxas de crescimento anual respectivamente de 9,38% e 7,96%. Atualmente esses municípios estão sob forte influência de projetos de mineração da Vale. As taxas de crescimento evidenciam o processo de imigração presente na área do Urbis-1 mais intenso nos municípios com projetos recentes, sendo que a região apresenta grande potencial de atração.

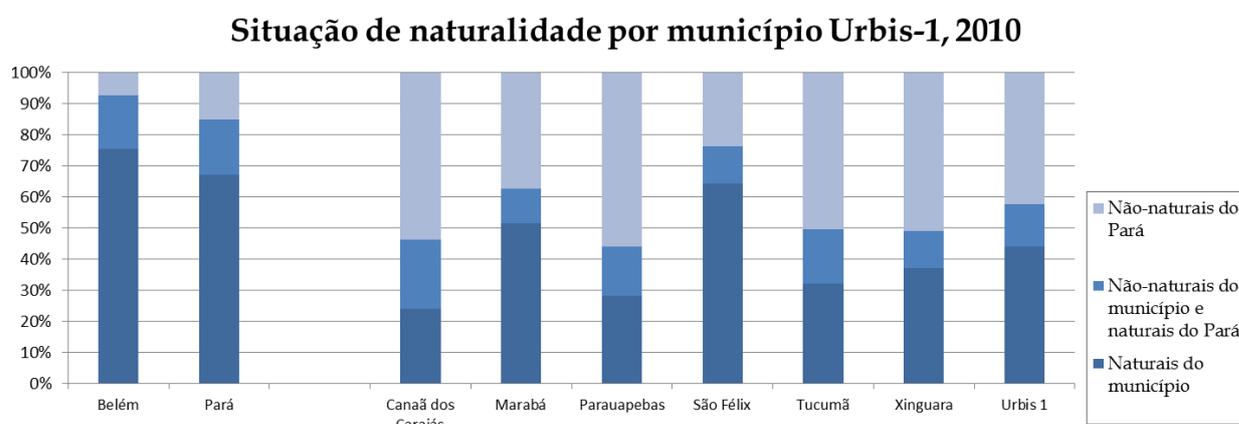


Figura 2 – População natural<sup>4</sup> em relação à unidade da federação do Pará, Belém e municípios na área do Urbis-1, 2010 (em porcentagem %).

Fonte: IBGE, 2010.

Quando se observa a composição da população em relação à naturalidade, percebe-se o quão a população da região se distingue do restante do estado. A Figura 1 mostra a população de naturais do município, aqueles que nasceram no município de referência; os não-naturais do município mas naturais do Pará, que nasceram no Estado mas

<sup>3</sup> Taxa de crescimento geométrico calculada a partir do Censo 2000 e 2010 (IBGE, 2000; 2010).

<sup>4</sup> Informação baseada na variável local de nascimento do Censo 2010.

não no município; e os não-naturais do Pará, os nascidos nas outras Unidades de Federação do país. A população não natural dos municípios (ou seja, aquela nascida fora dos respectivos municípios de referência) chega a mais da metade da população moradora da região. Isso é díspar e novamente Canaã dos Carajás e Parauapebas apresentam os valores mais acentuados, com mais de 70% da população nascida em outro município. Em relação aos valores de todo o Pará e da sua capital, Belém, as porcentagens demonstram como a ocupação da região em estudo, de fato, acontece em outros moldes, com destaque para a participação da população advinda de fora do próprio estado (os não naturais do Pará). Na região da Urbis-1, o grupo de não naturais do estado representa 42,44% do total, número muito superior aos 15,21% do estado como um todo.

Em relação ao último movimento entre estados realizado pelo imigrante<sup>5</sup> observa-se que o Maranhão representa grande parte da imigração para a região, seguido de Tocantins, Goiás e Minas Gerais. Esse processo migratório, sua intensidade e como esses sujeitos compõem a população mostram-se, portanto, essenciais para entender a constituição cultural da região. Os municípios são majoritariamente formados por pessoas que vieram de outro lugar que não o Pará, sobretudo por fluxos específicos já mencionados. São pessoas que trazem junto formas de vida, símbolos característicos da sua origem e atribuem significados próprios à região Sudeste do Pará. Inclusive os próprios moradores relatam como é difícil encontrar um paraense que vive ali. Essas características são esmiuçadas no próximo tópico, que se relaciona principalmente à pesquisa de campo na região da Urbis-1, na qual se pretende evidenciar a multiplicidade de origens dos imigrantes nos municípios e suas influências sobre a cultura local.

### **Daqueles que chegam à fronteira**

A chegada dos imigrantes à região acontece de forma distinta, o que se reflete em suas expectativas e aspirações em relação ao destino, bem como na forma como se apropriam do lugar e com ele se relacionam. Em geral, eles podem ser classificados em dois grupos majoritários: os que chegam como “aventureiros”, atraídos pelas possibilidades criadas pelos grandes projetos; e os que são trazidos como mão de obra qualificada, essencial para as empresas que levam a mineração e que se estruturam em torno da atividade.

A parcela desses migrantes sai de suas cidades atraída pelas grandes promessas relacionadas à região chegam atraídos pelas oportunidades de empregos com melhores condições e salários, o elevado crescimento das cidades, os grandes projetos, enfim, a busca

---

<sup>5</sup> Informação do Censo 2010 relacionada à variável ao local de residência anterior, quesito última etapa.

pelo eldorado – símbolo que permeia o imaginário de quem trilha o caminho em direção à região. Esses migrantes que decidem se aventurar na luta por melhores condições de vida também podem ser chamados de “espontâneos”, uma vez que não são funcionários transferidos por uma grande empresa para as cidades.

Nesse caso, a migração é amplamente favorecida pelas redes de família, amigos e até fiéis de uma mesma igreja que propagam as boas novas relacionadas, principalmente, à conquista de um emprego. Essas redes também atendem à demanda dos recém-chegados por moradia, alimentos, recursos financeiros, indicação para trabalho e outros tipos de apoio necessários quando se pretende tentar a vida em um lugar desconhecido. Em Parauapebas, as três esquinas mais movimentadas do município ilustram essa dinâmica da cidade que funciona em torno dos imigrantes que estão em busca de emprego, são elas: a do SINE (Sistema Nacional de Emprego), pra quem procura emprego; a da Caixa Econômica Federal, para aqueles que precisam resgatar o Fundo de Garantia; e a do SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial), para os que necessitam ingressar em um curso de qualificação.

É comum que os próprios migrantes se denominem aventureiros, pois são conscientes de como e o quanto se arriscam para tentar a vida em outro lugar. Os imigrantes circulam pelo trem, ônibus e a pé, vindos de outro estado, e também saindo de outras cidades na região. Assim, dentro do grupo de imigrantes espontâneos, pode-se reconhecer outro conjunto de sujeitos que circulam entre as cidades em busca de melhores condições de vida. Eles vivem um tempo em alguma cidade e com a promessa de algo melhor ou por percalços, mudam-se para um novo destino dentro de uma região específica ou para além dela, acompanhando uma fronteira de oportunidades.

Já a outra parte dos migrantes, como abordado anteriormente, é trazida pelos grandes grupos que se instalaram na região ao longo das últimas décadas, com destaque para a Vale e suas prestadoras de serviço. Este fluxo chega para estruturar as empresas, para suprir sua demanda de mão-de-obra mais qualificada. Os imigrantes vão morar nas cidades com incentivo financeiro (salários mais altos que a média da região, auxílio moradia, acesso a escolas e serviços diversos) e apoio em relação à estrutura por parte das empresas que os levam. As expectativas são diferentes em relação ao grupo anterior, já que estão estabilizados em um emprego. “Fazer a vida” não está em primeiro plano, alguns reconhecem que a permanência na região será transitória, apenas o tempo suficiente para conseguirem a transferência para um cargo mais alto em um centro urbano em outras regiões do país, principalmente no Sudeste. Muitos chegam entusiasmados pelos benefícios oferecidos, mas acabam não aderindo ao cotidiano local pela falta de estrutura oferecida pelas cidades,

sobretudo, quanto às opções de lazer e consumo.

Coelho (2005) relata o processo de ocupação considerando os atores da região, não o Estado, mas a Vale. Sua ação é ativa na reestruturação e organização do território, influenciando veementemente na construção da nova realidade para a região. A autora trata do caso da Vila de Carajás, o núcleo urbano com a infraestrutura de uma cidade (escola, creche, restaurante, cinema, zoológico) exclusiva ao grupo de empregados trazidos pela Vale e seus familiares. O local de moradia se torna a extensão do trabalho, sendo que a empresa monitora cada espaço dentro do núcleo disseminando os princípios da empresa.

O padrão de controle e segurança vivido na vila planejada contrasta com a imprevisibilidade do núcleo urbano do município de Parauapebas. Em 25 quilômetros de distância, a paisagem muda. Os empregados, comerciantes, contratados das empresas terceirizadas, aqueles que chegam para tentar a vida se estabelecem nesse lugar, com menos infraestrutura e ocupação desordenada (Coelho, 2005). Desse modo o espaço se cria, os fluxos chegam à Parauapebas com destinos definidos – os trazidos pela Vale vão para a Vila de Carajás, os outros se estabelecem no núcleo urbano. Contudo, ambos os grupos formam a cidade de Parauapebas e sua cultura, pois os trabalhadores da Vale também usufruem do núcleo urbano do município. Esse modelo não se reproduz em outros municípios da região. Canaã dos Carajás não segue o padrão das vilas, seus empregados recebem incentivos específicos, mas para viverem junto com toda a população do município.

Em Marabá e São Félix essa dinâmica do migrante não está tão forte como em outros municípios da região. Marabá já é uma cidade mais antiga, a maior entre a Urbis-1 e mais estabelecida, por isso, apesar de ainda receber imigrantes, muitos continuam seu percurso se espalhando pela região ou indo além. A Vale mantém uma linha de passageiros com parte em São Luís (MA), passando por outras cidades no interior do estado do Maranhão, com estações em Parauapebas e Marabá. A chegada do trem em Marabá é emblemática da distribuição dos imigrantes pela região. Vans de passageiros dão continuidade ao trajeto de muitos viajantes, com destino a cidades próximas no Sudeste do Pará até a travessia em direção à Altamira.

Por outro lado, São Félix está mais distante dessa realidade migratória relacionada às grandes mineradoras, somados a outros fatores como o difícil acesso para o município pela má condição da estrada. Xinguara se coloca nessa dinâmica apenas como um lugar de passagem.

Isso influencia os elementos culturais mobilizados que, em maior ou menor grau, são trazidos do lugar de origem, acompanham a população que chega. Desse modo,

identifica-se – inclusive a própria população – que esse é outro Pará. A região localiza-se distante pelo tempo, condição de estrada ou a própria vivência da capital, com uma dinâmica própria que dialoga com dificuldade com o resto do estado. Reconhece-se, assim, uma identidade própria para o Sudeste do Pará, representado neste trabalho pela dinâmica da região da Urbis-1.

Sob outra perspectiva, firma-se uma relação mais intensa com outros lugares como Goiás e Minas Gerais e as capitais Goiânia (GO), Palmas (TO) e São Luís (MA). Os elementos trazidos de fora ganham maior importância que aqueles reconhecidos como típicos paraenses. A culinária consegue ilustrar bem o quadro: pratos tidos como paraenses como tacacá, pato no tucupi, maniçoba não são tão fortes, mas por outro lado as churrascarias, um tempero mineiro nos restaurantes são recorrentes. Essa característica pode ser observada não só na culinária, mas também nas músicas ouvidas pela maioria da população. Se em Marabá e Parauapebas, por exemplo, o *melody* e o *tecnobrega* das aparelhagens de Belém fazem relativo sucesso entre os jovens, em São Félix e Xinguara é o sertanejo universitário que surge nos potentes equipamentos das caminhonetes.

### **Sobre o consumo e a cultura**

Para além de uma perspectiva meramente utilitarista do consumo – que se limita a compreendê-lo como forma de suprir necessidades físicas e biológicas – este trabalho busca considerar a rede de significados que envolvem o modo como os bens são apropriados, utilizados e usufruídos. Nessa perspectiva, o ato de consumir está permeado por significados atribuídos pelos indivíduos ou grupos aos objetos, eventos e lugares, que são tomados como expressão e identificação (Barbosa; Campbell, 2006). Trata-se, portanto, de uma visão que reconhece a escolha dos bens como a “parte visível da cultura”, tal qual já explicitou Mary Douglas (2009), um intenso e ambivalente fenômeno que proporciona a criação de cercas e pontes, ou seja, de desigualdades e sociabilidades, de distinção e interação.

A partir dessa ótica, a observação empírica descrita aqui pretende esboçar a relação entre a circulação desses bens e a origem desses consumidores; o quanto esses fatores se interpenetram e definem a cultura local. Isso pode ser notado em diferentes terrenos, desde a culinária e a música já mencionadas, até as roupas e veículos consumidos pela população. Um exemplo disso é que, se as motocicletas são o sonho de consumo da população mais pobre – por representarem certa autonomia de locomoção nas cidades, em geral, desprovidas de transporte público –, as picapes são os carros preferidos por aqueles que têm melhores condições financeiras. Elas estão espalhadas pelas cidades – de Marabá à

São Félix-, demarcando posições sociais em locais onde os contrastes estão muito próximos, onde pobres e ricos dividem praticamente o mesmo espaço e, na maioria das vezes, os mesmos gostos e estilos de vida. São ainda reflexo da polarização da região pelas cidades agropecuárias de estados como Goiás e Minas Gerais, onde a cultura do gado move a economia e os modos de vida da população.

As festividades locais são outro importante elemento para a observação da articulação entre a circulação de bens e pessoas na região estudada, já que as feiras agropecuárias estão entre os principais atrativos de lazer da região. Em geral, as atividades se realizam no parque de exposições do município e os expositores são - além dos criadores de gado mais importantes da região - os comerciantes locais, que aproveitam a estrutura da feira para aumentar a venda de seus produtos. Durante a festa, são comercializados desde arames para cercas e motosserras até caminhões, picapes e imóveis.

Além das trocas comerciais, as feiras agropecuárias promovem a circulação de pessoas entre os diversos municípios. É comum encontrar grupos de jovens ou famílias, que costumam se deslocar até os municípios vizinhos em busca das atrações oferecidas pela festa. Quem não vai à festa para participar dos leilões de bois e cavalos, encontra na feira os concursos de montaria em touros, shows de artistas sertanejos locais e nacionais, bem como as eleições das rainhas e princesas - em alguns municípios, com direito a figurinos produzidos em Barretos, cidade do interior de São Paulo famosa por sua festa do peão boiadeiro. Os nomes que fazem mais sucesso nos palcos, em grande parte, são os mesmos que aparecem nas paradas do Sudeste do Brasil e estão nas rádios e programas de televisão das grandes emissoras: jovens cantores sertanejos.

Outro aspecto que marca o tempo livre dos habitantes das cidades visitadas é o rio. O uso das praias, a pesca e outras atividades de lazer desenvolvidas nas águas sempre são mencionadas pelos habitantes como única alternativa de recreação disponível. Nesse sentido, cidades como São Félix e Marabá são privilegiadas, pois a população conta com grandes rios próximos. No entanto, parte dos habitantes de cidades originadas a partir das estradas - como Parauapebas, Canaã, Tucumã, Ourilândia e Xinguara - também têm alguma relação com o rio quando se trata de lazer: as elites costumam ter casas em condomínios às margens dos rios ou em ilhas para os fins de semana do veraneio; a população cuja renda permite pequenas viagens, no período das férias, segue em excursões ou carros próprios para o balneário mais próximo.

Ainda assim, há certa dificuldade de percepção do lazer pelos próprios habitantes e o não reconhecimento e valorização de certos espaços que permitiriam tornar a

vida cultural bem mais intensa do que aquela descrita pela população local e observada em campo. Com exceção do uso dos rios, a natureza presente na região e seus atrativos são pouco explorados pelos habitantes e o poder público como recursos para o lazer. Enquanto isso, boa parte anseia por equipamentos exógenos, aos moldes dos lazeres comuns às metrópoles, tais como os grandes centros de compras, deflagrando o fortalecimento desses símbolos referentes às metrópoles no imaginário local.

Dentre as cidades percorridas, apenas Parauapebas conta com os serviços oferecidos por um shopping center - o *Unique*, empreendimento recém-construído às margens da rodovia e que, de certa forma, explicita a dinâmica da cidade e o potencial de consumo da população. Entre as lojas já em funcionamento estão marcas conhecidas do sudeste brasileiro, como TNG, Hering, M.Officer, Cacau Show, Chilli Beans, O Boticário, CVC, Lojas Americanas, além de quatro salas de cinema. Não por acaso, Parauapebas aparece em pesquisa realizada recentemente pela consultoria americana McKinsey e pela empresa de geomarketing Escopo para a revista Exame como a quarta cidade do País com maior capacidade de expansão de consumo dos habitantes, ficando atrás apenas de Campinas, Uberlândia e Santos (Stefano e Cruz, 2012).

Em Marabá, o shopping center Pátio Marabá, iniciativa de um dos comerciantes mais importantes da região, tem previsão de inauguração para 2013. Enquanto isso, o comércio de luxo e as grandes concessionárias estão restritos a algumas regiões da cidade. Mas as lojas mais populares estão presentes em diversos bairros, como ocorre com a Leolar - destaque no setor de informática, eletrônicos, eletrodomésticos, confecções, artigos para a casa e móveis em todo o Sul e Sudeste do Pará, com mais de 50 lojas na região. Nas cidades menores, como Canaã, Ourilândia, Tucumã, São Félix e Xinguara, o comércio de rua tende a se limitar à avenida principal, com algumas extensões para vias perpendiculares ao eixo central da cidade. Entretanto, uma marca comum a todas as localidades é que a maioria dos produtos encontrados nos supermercados e demais lojas vêm de estados como São Paulo, Goiás, Minas Gerais e Tocantins, demonstrando mais uma vez estreitas relações entre a circulação de bens e pessoas.

Outro aspecto importante que merece atenção se refere à influência da Vale nas cidades. A empresa não só influencia na dinâmica comercial, como interfere nos bens consumidos. Nas cidades em que a empresa atua, as lojas de grifes têm como público alvo a pequena elite local e os funcionários da mineradora, grupos que em certa medida se confundem, bem como seus terceirizados. Em Canaã, é possível encontrar lojas que foram abertas visando atender a esse perfil de consumidor, com artigos mais sofisticados não

encontrados em outras localidades, como alcachofras e vinhos importados. Em Ourilândia, a expectativa criada pela atividade mineradora também incrementou o comércio local e fez com que novas lojas – oferecendo produtos refinados – fossem inauguradas recentemente. Há, desse modo, uma tendência à sofisticação dos serviços e produtos, principalmente em cidades com dinâmica econômica mais intensa, relegando o consumo das populações pobres às periferias urbanas e às estruturas tradicionais de encontros, tais como bares, pequenos mercados e feiras populares.

Por fim, se é possível encontrar alguma articulação dada pelo consumo entre cidades como Marabá, Parauapebas e Canaã, bem como entre Ourilândia e Tucumã, em São Félix do Xingu o isolamento físico e as condições de acesso à sede do município dificultam qualquer relação com o entorno imediato. Os consumidores de alta renda, quando não consomem na própria cidade, têm Goiânia como o principal destino de compras. O mesmo ocorre em Xinguara, que apesar de alguma articulação com a cidade de Redenção, também estabelece vínculos maiores com a capital de Goiás, quando se trata de consumo. Como já foi abordado aqui, nessas duas cidades, a relação com municípios externos ao estado do Pará é ainda mais explícita que nas demais. Assim, juntamente com essa rede de trocas e circulação de bens e pessoas, a articulação entre cultura e identidade também se estabelece de modo mais intenso entre essas duas cidades e outros estados. Embora todos os municípios estudados no Sudeste do Pará se identifiquem como parte de uma mesma cultura – firmada na maioria das vezes pela oposição à cultura de Belém –, cidades como Xinguara e São Félix trazem isso de modo mais agudo.

### **Algumas considerações**

Lugar de possibilidades e conflitos históricos, a fronteira urbana amazônica permanece como território de disputas simbólicas na contemporaneidade. A atração de sujeitos de origens e expectativas das mais diferentes faz da região palco de uma miríade de práticas cotidianas, que acabam por contribuir para a conformação de uma cultura local. Essa cultura na/da fronteira – se assim é possível defini-la – estabelece-se em relação às demais margens do território em questão, ora se opondo, ora se alimentando delas. Trata-se, portanto, de uma cultura que reconhece as fronteiras de si mesma e, a partir disso, se edifica.

Nos sete municípios pesquisados, todos integrantes do Sudeste paraense, os fluxos migratórios são reveladores de tal processo. Como apresentado aqui, na maioria deles, mais da metade da população é nascida em outros estados brasileiros e, em alguns casos, como em Canaã dos Carajás e Parauapebas, mais de 70% dos habitantes vieram de outros

municípios. Certamente, Maranhão, Tocantins, Goiás e Minas Gerais – estados que encabeçam a lista de unidades da federação com maior contingente populacional que migrou nos últimos anos para o Pará – exercem grande influência sobre as práticas culturais da região.

Quanto aos padrões de consumo, é possível notar o quanto eles se articulam com a circulação das pessoas, seja porque boa parte dos produtos tem a mesma origem dos migrantes, seja porque tais bens são carregados de referências a essas localidades. Há ainda uma similaridade entre esses bens consumidos pelos moradores das cidades visitadas e os grandes centros urbanos. Nota-se, inclusive, uma expectativa por parte da população que essa aproximação seja ainda mais forte, uma vez que o acesso aos serviços oferecidos pelos shoppings – com suas lojas, cinemas e praças de alimentação – aparece sempre como principal demanda e referência de lazer urbano importada das metrópoles.

Desse modo, tentar apreender a dinâmica cultural dessa região implica, necessariamente, entender os processos migratórios pelos quais ela passou e passa na atualidade. São esses sujeitos diversos que constituem e dão forma à realidade urbana na fronteira amazônica contemporânea. São eles os responsáveis pelas práticas cotidianas, que carregadas de seus aspectos simbólicos – muitos deles materializados em bens e modos de consumir – recriam uma cultura na/da fronteira a partir das fronteiras próprias de qualquer cultura.

## **Agradecimentos**

Este trabalho foi desenvolvido no âmbito do Projeto UrbisAmazônia, financiado pelo Instituto Tecnológico Vale - Desenvolvimento Sustentável/Fundação de Ciência, Aplicações e Tecnologia Espaciais.

## **Referências**

Barbosa, L.; Campbell, C. 2006. O consumo nas ciências sociais. In \_\_\_\_ (org.). *Cultura, consumo e identidade*. Rio de Janeiro, Editora da FGV.

Becker, B. K. 1998. *Amazônia*. São Paulo, Ática.

Becker, B. K.; Miranda, M.; Machado, L. 1990. *Fronteira Amazônica: questões sobre a gestão do território*, Brasília, UNB; Rio de Janeiro, UFRJ.

Becker, B. K. 1999. Os eixos de integração e desenvolvimento e a Amazônia. *Revista Território*,

Rio de Janeiro, LAGET/UFRJ, n. 6, jan-jun.

Cardoso, A. C. D.; Lima, J. J. F. 2006. Tipologias e padrões de ocupação urbana na Amazônia Oriental: para que e para quem? in: Cardoso, A. C. D. (Org.) *O Rural e o urbano da Amazônia: diferentes olhares em perspectivas*, Belém, EDUFPA.

Coelho, M. A. 2005. CVRD e a (Re)estruturação do espaço geográfico na área de Carajás (Pará). in: Castro, I.; Gomes, P.; Correa, R. (Orgs). *Brasil: questões atuais da reorganização do território*, 3ª ed. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.

Corrêa, V.; Carmo, R. L. do. 2011. Fronteira da exploração mineral na Amazônia: o setor mineral e a dinâmica demográfica na mesorregião sudeste paraense. in: D'Antona, A. de O.; Carmo, R. L. do (Orgs). *Dinâmicas demográficas e ambiente*, Campinas, Nepo/Unicamp.

Douglas, M.; Isherwood, B. 2009. *O mundo dos bens: Para uma antropologia do consumo*. Rio de Janeiro, Editora UFRJ.

IBGE. 2000. *Censo Demográfico 2000*. Rio de Janeiro.

IBGE. 2010. *Censo Demográfico 2010*. Rio de Janeiro.

Miller, D. 2007. Consumo como cultura material. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, ano 13, n. 28, p. 33-63, jul./dez. Disponível em: [www.scielo.br/pdf/ha/v13n28/a03v1328.pdf](http://www.scielo.br/pdf/ha/v13n28/a03v1328.pdf) [Acessado maio de 2012]

Pereira, J. C. M. 2006. A Urbanização na Amazônia e o papel das Cidades Médias na Rede Urbana Regional. In: Cardoso, A. C. D. (Org.) *O Rural e o urbano da Amazônia: diferentes olhares em perspectivas*, Belém, EDUFPA.

Souza, C. A. de S. 2000. *Urbanização na Amazônia*. Belém, Unama.

Stefano, F.; Cruz, P. 2012. O novo mapa do consumo. *Exame*, Ed. 1022, ago. 2012, p.36-45.